

CUT**FUP**

JORNAL DO SINDIPETRO

PARANÁ E SANTA CATARINA

Informativo do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina | Ano XXXI | Nº 1357 | 14 a 27/08/2015

→ **CRISE NO SETOR PETRÓLEO**

“Guerra” entre Opep e EUA derruba preço do petróleo



Estados Unidos deixou de ser um grande importador a partir da exploração das suas grandes reservas de gás de xisto (shale gas). Opep aumentou a produção para derrubar o preço do barril e inviabilizar economicamente o projeto norte-americano. Crise no setor também abaixa o preço dos ativos de patrimônio devido à grande oferta no mercado, o que evidencia o erro do Plano de Negócios e Gestão da Petrobrás. Greve geral é o instrumento da categoria petroleira para impedir o desmonte da empresa.



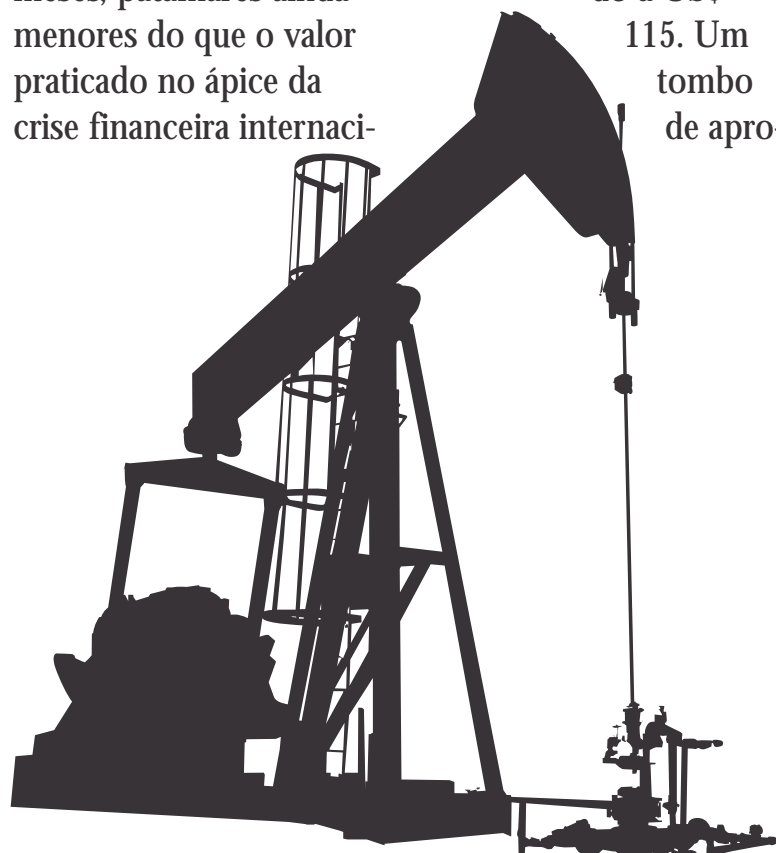
WWW.SINDIPETROPRSC.ORG.BR

CRISE NO SETOR

Em um ano, preço do barril caiu mais de 50%

O preço do petróleo segue em declínio, negociado abaixo dos US\$ 50 o barril, com perspectivas de cair para menos de US\$ 40 nos próximos meses, patamares ainda menores do que o valor praticado no ápice da crise financeira internaci-

onal, em 2008. Um cenário nada agradável para a indústria do petróleo, que viu o preço atingir o pico em junho de 2014, quando era comercializado a US\$ 115. Um tombo de apro-



Opep inunda o mercado mundial

31,5

milhões
de barris/dia



Queda no preço do barril é impulsionada por política adotada pela OPEP

ximadamente 75% no valor do barril.

Por causa da derrocada dos preços do barril, muitos países enfrentam crises e recessões na economia, como a Noruega e o Canadá, quinto maior produtor do mundo. É possível que, falando-se de economia, nada tenha sido mais importante nesse último período do que a desvalorização do barril de petróleo no mundo todo.

Os principais “culpados” pela queda dos preços são o aumento de produção, em especial nas áreas de xisto dos EUA, e uma demanda menor que a esperada na Europa e na Ásia. Com o ‘boom’ do gás de xisto nos últimos anos, a produção norte-americana

disparou e se situa em níveis recordes em 30 anos, com mais de 9 milhões de barris por dia.

Existe também a percepção de que o acordo nuclear firmado entre o



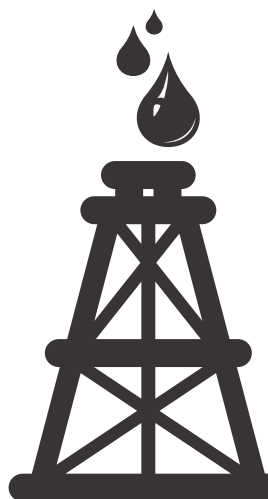
Grandes produtores, como Noruega e o Canadá, enfrentam recessão devido ao baixo valor do petróleo.

Irã e potências mundiais, como os EUA, pode retirar sanções econômicas à república islâmica, o que permitirá a elevação de suas exportações de petróleo. O Irã é o quarto país com mais reservas de petróleo no mundo.

Desde que começaram as perfurações do xisto, nos Estados Unidos e outros países, como o Canadá, os sauditas fazem de tudo para não perder mercado. Em novembro do ano passado, essa queda se acentu-

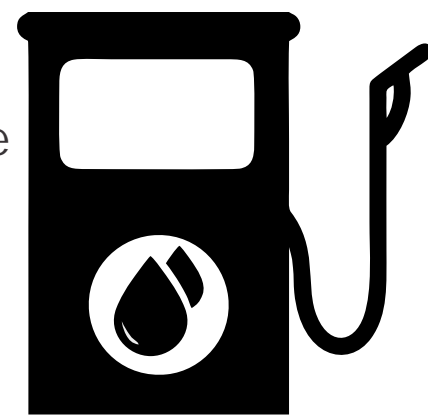
ou, diante do excesso de oferta e da recusa dos países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) em reduzir seu teto de produção, independentemente do preço no mercado internacional.

A Opep culpa a grande produção de gás de xisto pelas baixas cotações da commodity e, segundo alguns analistas, estaria disposta a aceitar um preço ainda mais baixo para tirar do mercado outros produtores ou inviabilizar a exploração de rivais como os produtores norte-americanos. Por isso, a Opep inunda o mercado mundial: em julho bombeou em média 31,5 milhões de barris diários, a quantidade mais elevada nos últimos três anos. A organização reúne 12 países, entre eles, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Irã, Iraque, Venezuela e Angola.



do poço ao posto

Consequências para o Brasil e a Petrobrás caso se abandone a estratégia de uma empresa que integra toda a cadeia produtiva.



A diminuição abrupta do preço do petróleo no mercado internacional diminui a rentabilidade da exploração do pré-sal, cujo planejamento levou em conta um valor mínimo do barril entre US\$ 52 e US\$ 45 para a produção ser considerada economicamente viável.

A Petrobrás emitiu comunicado onde afirma que está aumentando a capacidade de produção no pré-sal de "modo economicamente viável" e que o chamado "break even" (ponto em que os ganhos se equivalem aos gastos) foi calculado levando em consideração uma vazão de poços entre 15 e 25 mil barris por dia, abaixo do patamar atual de 20 mil barris por dia.

Por outro lado, a petroleira brasileira tem conseguido reverter parte da perda acumulada no ano passado com a defasagem entre os preços dos combustíveis no mercado internacional e os cobrados no mercado interno. Atualmente, o preço nacional da gasolina já está quase 70% acima do preço internacional do combustível importado pela companhia, segundo levantamento do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE).

Em situações como esta, fica evidente a importância estratégica da Petrobrás manter uma série de ativos integrados "do poço ao posto". Erra aquele que analisa isoladamente os resultados destes ativos, sobretudo em uma visão de curto prazo. O Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados, Paulo César Ribeiro Lima, que foi engenheiro do CENPES Petrobrás durante anos, elaborou argumentos nos quais alerta o novo Presidente da Estatal, Aldemir Bendine. Leia a resposta de Paulo César ao novo Presidente da Petrobras, que pode tomar o caminho errado ao anunciar que "nós estamos aí reavaliando uma série de ativos e as metodologias empregadas":

“Não há necessidade de nenhuma baixa contábil”



Paulo César Ribeiro Lima,
Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados

A questão do "valor real de ativos" da Petrobrás é muito mais complexa do que se imagina. A Petrobras tem uma série de ativos integrado que permitem a venda, por exemplo, do óleo diesel, cujo custo de produção é baixíssimo para a companhia.

Supondo-se um valor do petróleo de US\$ 50, o custo de produção de um litro de diesel é de cerca de R\$ 0,60, enquanto seu valor no mercado internacional é de aproximadamente R\$ 1,35 por litro; o preço de realização da Petrobras é de R\$ 1,56 por litro. Observa-se, então, que o custo de produção do derivado é muito menor que o preço de venda, tanto no mercado interno quanto no mercado internacional. É por isso que a Petrobras é a empresa mais rentável do País. Essa lucratividade extraordinária da Petrobras decorre, principalmente, dos seus principais "ativos": reservatórios do Pré-Sal e do Pós-Sal, terminais, dutos, refinarias e excelente corpo técnico.

Os grandes destaques são os campos de Lula (65%), Búzios (100%) e Libra (40%), cada um com mais de 10 bilhões de barris recuperáveis. Apenas em três campos, os volumes recuperáveis da Petrobras serão da ordem de 20 bilhões de barris, considerado o percentual de participação (entre parênteses). Registre-se, que existem muitos outros campos operados pela Petrobras. A principal pergunta é: como esses ativos estão lançados no balanço? Pelo valor da aquisição do direito de exploração e produção, que são baixíssimos. Dessa forma, o atual patrimônio líquido da empresa é absolutamente irreal. As alavancagens financeiras divulgadas pelo mercado servem apenas para desvalorizar a Petrobras. O principal ativo para que o custo de produção do óleo diesel seja da ordem de R\$ 0,60 por litro são os grandes reservatórios, não as refinarias.

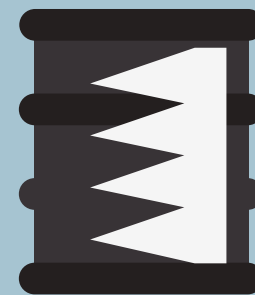
Essa posição privilegiada da Petrobras na área de exploração e produção pressupõe um compromisso da companhia em investir no refino no Brasil. Poderia até haver uma política pública que determinasse a obrigatoriedade de que produtores de petróleo refinassem um determinado percentual de sua produção no País. Isso obrigaria a se ter um cálculo integrado do retorno dos ativos.

Apenas para demonstrar os privilégios da Petrobras, o Conselho Nacional de Política Energética - CNPE, por meio da Resolução nº 1, de 24 de junho de 2014, aprovou a contratação direta da Petrobrás para produção de volumes adicionais ao contrato de cessão onerosa.

Dessa forma, a companhia tem uma posição privilegiada de produzir, sem licitação, volumes estimados, em barris equivalentes de petróleo, da ordem de:

- Búzios: 6,5 a 10 bilhões;
- Entorno de Iara: 2,5 a 4 bilhões;
- Florim: 300 a 500 milhões;
- Nordeste de Tupi: 500 a 700 milhões.

exemplo do diesel



barril a
US\$ 50



diesel
custo de produção
R\$ 0,60/l



preço de
realização
R\$ 1,56

Cessão Onerosa



contratação direta
p/ produção de
volumes adicionais*

- Búzios: 6,5 a 10 bi
- Entorno de Iara: 2,5 a 4 bi;
- Florim: 300 a 500 mi;
- Nordeste de Tupi: 500 a 700 mi

continua...

*em barris de petróleo equivalente

continuação...

Em Búzios e em Libra, os contratos são extremamente favoráveis à Petrobras, assim como em todos os campos operados pela empresa.

Na verdade, os campos petrolíferos, principalmente em águas profundas, são os grandes ativos da Petrobras. Isso faz sentido na Noruega, por exemplo? Não, uma vez que o retorno sobre o investimento no refino é muito menor que na produção de petróleo, que o país não precisa de uma política de desenvolvimento regional e que não tem interesse em gerar grandes demandas de mão de obra, nem na construção de parques industriais poluidores.

Essa, contudo, não é a situação do Brasil, onde temos a Petrobras com grandes privilégios na produção e com monopólio real dos terminais, dutos e refinarias, o que pressupõem um compromisso da companhia com o desenvolvimento do País. Situação muito diferente da Petrobras é a do Banco do Brasil, que também é uma sociedade de economia mista, mas que compete efetivamente no mercado.

Dessa forma, é fundamental que a Petrobras e seus acionistas tenham uma visão integrada do valor e da sinergia de todos os ativos da companhia, não de um ativo isolado, como, por exemplo, uma refinaria.

Analisa-se, a seguir, o caso da Refinaria de Pasadena. Com a crise financeira de 2008, as margens do refino e o valor dos ativos diminuíram. Isso levou a Petrobras a realizar baixas contábeis, denominadas impairments, que totalizaram US\$ 530 milhões, sendo US\$ 160 milhões em 2008, US\$ 147 milhões em 2009 e US\$ 223 milhões em 2012. Essas baixas decorreram da avaliação do valor de mercado do ativo.

No caso do complexo de Pasadena no Texas, que inclui uma refinaria com capacidade de 100 mil barris por dia e uma comercializadora, fornece gasolina e diesel para o exigente mercado americano e está localizada em uma área estratégica, a Petrobras investiu cerca de US\$ 1,5 bilhão. Nesse caso, as baixas contábeis de US\$ 530 milhões foram adequadas?

Qual seria, então, a baixa contábil da Refinaria Abreu e Lima, com capacidade de 230 mil barris por dia e cujos investimentos já foram de cerca de US\$ 18 bilhões e novos gastos serão necessários para finalizar o segundo trem de refino?

Mesmo sendo capaz de refinar óleo pesado, será difícil chegar a um valor de mercado para a Refinaria Abreu e Lima superior a US\$ 6 bilhões pelas metodologias convencionais, o que resultaria em uma baixa contábil de US\$ 12 bilhões. No entanto, o superfaturamento da refinaria, que inclui eventuais propinas, foi da ordem de US\$ 4 bilhões. Ou seja, pelos "critérios de mercado" poderia haver uma baixa contábil três vezes maior que o superfaturamento.

Se for computado o "valor integrado dos ativos" (reservatório de Marlim, navio de transporte, dutos, Terminal Suape, Refinaria Abreu e Lima etc), pode concluir que não há necessidade de nenhuma baixa contábil. Muito pelo contrário, pode-se concluir que esse conjunto de "ativos" está subavaliado, uma vez que os derivados produzidos terão um custo muito menor que o valor de venda, o que geraria um altíssimo valor presente líquido - VPL.

É isso que precisa ser informado à sociedade brasileira, mas não está sendo.



barrar o desmonte!

A FUP e seus sindicatos apresentaram à Petrobrás no dia 07 de julho a Pauta pelo Brasil, com propostas aprovadas na 5ª Plenafup, que se contrapõem à redução de investimentos e à venda de ativos. Passados mais de dois meses, a empresa segue ignorando as reivindicações dos petroleiros e ainda provocou a categoria com um modelo de negociação fragmentado e uma contraproposta que nada mais é do que o reflexo do processo de desmonte que está em curso no Sistema Petrobrás.

Milhares de trabalhadores terceirizados já foram demitidos pelo país afora. Ativos estratégicos estão à venda. Direitos conquistados são alvejados. Desinvestimentos colocam em risco a cadeia produtiva do setor petróleo. Lei da partilha do pré-sal é atacada e os gestores da Petrobrás nada fazem para defender os interesses da empresa e da Nação.

A Pauta aprovada na 5ª Plenafup é justamente para barrar esse processo de desmonte que coloca em risco o país. Os petroleiros já viram esse filme antes e não querem reprise.

A resposta da categoria será dada na greve. As estratégias estão sendo discutidas com os trabalhadores em seminários e em reuniões das direções sindicais. Algumas bases da FUP já estão aprovando a greve por tempo indeterminado. Na quarta-feira (16), as assessorias jurídicas realizam um encontro nacional para orientar as lideranças sindicais na construção do movimento.

Os petroleiros, portanto, devem continuar alertas, aguardando as orientações da FUP e de seus sindicatos.

Quem financia os fura-greves?

Enquanto os trabalhadores são sacrificados com cortes de custos e redução de investimentos em todas as empresas do Sistema Petrobrás, a ordem dos gestores é não economizar com as equipes de contingências. A greve ainda nem começou, mas as gerências já bancaram equipes de pelegos em terra e em mar, pagando passagens aéreas, hospedagens em hotéis de luxo, vôos especiais para as plataformas e horas extras a perder de vista.

Se a Petrobrás está à beira da falência, como alegam os gestores com seus discursos terroristas para tentar desmobilizar os trabalhadores, de onde saiu, então, a verba para financiar os fura-greve?

